



## **Notas sobre o Professor Rafael Moreira: entre a globalização e a transculturação no contexto de influência lusitana**

*Notas sobre el profesor Rafael Moreira: entre la globalización y la transculturación en el contexto de influencia portuguesa.*

**E1\_01 - Paisagens globais e transfronteiriças: histórias conectadas**

**Rodrigo Espinha Baeta**

PPG-AU UFBA / MP-CECRE UFBA, Brasil

rodrigo.espinha.baeta@gmail.com

**Resumo:** O Professor Rafael Moreira superou qualquer outro pesquisador quando tratava da circulação e da reverberação dos aportes culturais, artísticos, arquitetônicos e de formação dos núcleos urbanos lusitanos em um contexto de globalização que se consolida a partir do século XV. A partir da clara demonstração de uma circulação global de eruditas teorias e práticas portuguesas concernentes à produção artística, arquitetônica e urbana – discurso que pode incomodar os adeptos mais inflexíveis dos princípios de decolonialidade –, o professor revelava como era natural as adaptações locais e as reinvenções de formas devidas às diferentes experiências culturais autóctones: a circulação global de conceitos e práticas de Portugal para as colônias, das colônias para Portugal, e mesmo das colônias para as colônias.

**Palavras-chave:** Rafael Moreira; Globalização; Transculturação.

**Resumen:** El profesor Rafael Moreira superó a cualquier otro investigador en cuanto a la circulación y reverberación de las contribuciones culturales, artísticas, arquitectónicas y urbanísticas de Portugal en un contexto de globalización que se consolidó a partir del siglo XV. Al demostrar claramente una circulación global de teorías y prácticas eruditas portuguesas en torno a la producción artística, arquitectónica y urbana —un discurso que puede perturbar a los más inflexibles partidarios de los principios decoloniales—, el profesor reveló cómo las adaptaciones y reinversiones locales naturales de las formas se debieron a diferentes experiencias culturales autóctonas: la circulación global de conceptos y prácticas de Portugal a las colonias, de las colonias a Portugal, e incluso de las colonias a las colonias.

**Palabras-clave:** Rafael Moreira; Globalización; Transculturación.

Apesar de conhecer e admirar boa parte da vasta obra do Professor Rafael Moreira há bastante tempo, o primeiro contato que tivemos foi por sua iniciativa – uma surpresa e uma grande honra para mim.

Creio que meu amigo e Professor da Universidade Federal do Ceará, Clóvis Jucá Neto, aqui presente, que na época estava fazendo pós-doutorado em Portugal, havia comentado sobre minha produção acadêmica, o que interessou ao professor. Após ler algum artigo ou livro meu (não me lembro qual), o professor pediu meu e-mail para outro grande amigo, o Professor da Universidade Federal de Minas Gerais, Magno Mello – e fez o contato no início da pandemia, em 2020.

Desde então, e até nos conhecermos ao vivo – mesmo que brevemente, no *III Congresso Internacional da Associação Iberoamericana de História Urbana* –, foram dezenas de agradáveis e produtivos e-mails trocados.

Nestas mensagens, o querido professor sempre apontou caminhos eruditos, inovadores e conexos para o debate sobre a história da arte, da arquitetura e da cidade, em conversas que às vezes se estendiam por algumas horas.

Não preciso dizer o tanto que aprendi nestes bate-papos, tão consonantes, em seu conteúdo, ao contributo acadêmico dado pelo professor à história e à crítica.

A meu ver, o Professor Rafael Moreira superava qualquer outro pesquisador quando tratava da circulação e da reverberação dos aportes culturais, artísticos, arquitetônicos e de formação de núcleos urbanos lusitanos em um contexto de globalização que se consolida (muito por conta dos portugueses) a partir do século XV.

No entanto, nos tempos atuais, onde se inflamam os ideais do anticolonialismo, os princípios da anticonquista e o conceito de decolonialidade, é possível perceber, no discurso acadêmico, uma progressiva repulsa às investigações que envolvam as experiências dos colonizadores como catalisadoras de novas realidades culturais.

Busca-se, frequentemente, uma suposta autonomia das produções locais em relação às nações dominadoras, ou se estabelece um discurso que apenas qualifica aquelas expressões artísticas, arquitetônicas ou urbanas que demonstrem absoluta independência criativa frente às metrópoles, não importando a qualidade das produções analisadas – algo, de fato, impossível.

Estes princípios, que estão sendo desenvolvidos já há algum tempo, podem trazer muitas contribuições relevantes à história e à crítica da arte e da arquitetura nos territórios conquistados e colonizados, se excluirmos estas filiações inflexíveis e radicais ao debate decolonial, ou aquelas assumidas por puro modismo – como alertava o próprio professor em junho de 2024, durante o curso *Paisagem, Cidade e Arte: África, Ásia e Brasil Global*, ministrado pelo mestre a convite da Professora Beatriz Bueno, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da FAU USP.

Não obstante, eu prefiro o caminho traçado nos anos 1940 pelo ensaísta cubano Fernando Ortiz, em seu livro *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar* (Ortiz, 1978): o conceito da transculturação, princípio adaptado à teoria da arquitetura latino-americana pelo arquiteto e crítico argentino Ramón Gutiérrez (2001).



O fenômeno da “transculturação” surge na época como princípio alternativo à ideia disseminada de “aculturação”: juízo vinculado ao processo de formação da identidade cultural dos povos colonizados, mas que traria a noção de uma transferência puramente vertical dos valores sociais, econômicos, religiosos, morais, éticos, artísticos, arquitetônicos, provenientes das metrópoles dominadoras, frente ao desolado cenário conquistado e diante dos povos que lá habitavam.

Pelo contrário, para o conceito de “transculturação”, são inevitáveis as trocas de experiências entre todas as sociedades, todas as civilizações – europeias, nativas, africanas, orientais – que participaram da intrincada trama de acontecimentos que permearia a composição das novas identidades pós-conquista. Ou seja, mesmo admitindo que, em um primeiro momento, estas transmutações teriam sido abertamente assimétricas em favor das culturas colonizadoras, o resultado posterior destes processos – destas ações que provocariam, inevitavelmente, uma complexa combinação entre distintas realidades culturais – seria a constituição de modernas civilizações que não seriam a simples extensão das sociedades dominadoras; nem se confundiriam com a direta continuidade do universo cultural que caracterizaria os povos subjugados; também não se configurariam como a fusão imediata, bem como a elementar miscigenação, entre as culturas que se encontrariam nos territórios dominados, culturas em constante processo de colisão e conflito. Na verdade, mesmo sendo geneticamente herdeiras dos colonizadores e dos colonizados, a sociedade colonial apresentaria características próprias, que extrapolariam o legado peninsular e nativo: seriam novas culturas; inéditas sociedades.

Se analisarmos o discurso do Professor Rafael Moreira, percebemos, a meu ver, plena consonância em relação a estes princípios.

A partir da clara demonstração de uma circulação global de eruditas teorias e práticas portuguesas concernentes à produção artística, arquitetônica e urbana – discurso que pode incomodar os adeptos mais inflexíveis dos princípios de decolonialidade –, o professor revelava como era natural as adaptações locais e as reinvenções de formas devidas às diferentes experiências culturais autóctones; a circulação global de conceitos e práticas de Portugal para as colônias, das colônias para Portugal, e mesmo das colônias para as colônias – como demonstrava tão bem em relação à chegada de elementos compositivos orientais no Brasil (por exemplo).

Logo, a contribuição do Professor Rafael Moreira foi e é das mais pertinentes e necessárias, inclusive para se levantar e debater as peculiaridades e transmutações locais das formas coloniais.

Neste sentido, a partida do Professor Rafael Moreira, em fevereiro de 2025, deixa uma lacuna que não poderá ser preenchida – especialmente para aqueles que amam a história da arte, da arquitetura e da cidade. Mas o seu legado está consolidado através das suas centenas de publicações e de seus orientandos – professores e pesquisadores do mais alto nível e de grande influência para o atual desenvolvimento da disciplina da história da arte.

## Referências

GUTIÉRREZ, Ramón. Repensando el Barroco americano. In: ARANDA, Ana María (et al). **Barroco Iberoamericano: territorio, arte, espacio y sociedad**. Sevilla: Ediciones Giralda, v. 1, p. 61-69, 2001.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. Caracas: Maria H. Gonzalez de Salcedo y Biblioteca Ayacucho, 1978.

